A
Canção Raiana
Perdida
Raízes sonoras da Beira Baixa

CD 2

1. O Amolador
2. Ó Linda
3. Bendito das Trovoadas
4. Se Chigar a ser Velhinha
5. O Relógio I
6. O Sineiro
7. Moda das Vindimas
8. O Mocho
9. A Lavadeira
10. O Marinheiro
11. O Bordado
12. O Relógio II
13. Viva Castelo Branco
14. Senhora Santa Luzia
15. Os Aros do meu Adufe
16. Almas (Malpica do Tejo)

Memória e Raízes da Identidade Beirã

A ADRACES, enquanto Associação de Desenvolvimento Local, identifica-se e assume como essência do novo paradigma para as zonas rurais a afirmação inequívoca dos recursos do território, assentes na potenciação das suas especificidades e peculiaridades, na valorização e divulgação dos valores que o caracterizam e diferenciam e na redescoberta e partilha daquilo que é único e intransferível, assumindo essa diferenciação com sentido de futuro e de verdadeiro motor do desenvolvimento local. O grande desafio da ADRACES tem passado pela mobilização competitiva dos recursos territoriais, a partir de uma visão estratégica ampla capaz de recriar os recursos específicos e inová-los, conferindo-lhes perfis de qualidade e de afirmação que os prestigiem e, consequentemente, valorizem o território a partir da autenticidade gerada pela Memória das suas gentes.

Memória das gentes. Em que becos da alma, ela se esconde? A sociedade globalizada consome-se, gasta-se no imediato. No hoje. No agora. O que fica para lembrar depois? Para recordar depois? O que resta para ensinar aos que virão sobre a essência e raízes da identidade

beirã? Perde-se a memória, perde-se a história. Perde-se o caminho de onde viemos. Só ele nos permite saber para onde vamos. Restam apenas resquícios dessa verdade na memória dos mais idosos. Até quando? Urge sair à rua, palmilhar o terreno, ouvir e gravar testemunhos de pessoas que ainda fazem a transição entre um tempo e outro, para o desenvolvimento de um trabalho de levantamento exaustivo de toda a etnografia das comunidades rurais do território da Beira Interior Sul.

A ADRACES há muito previu a necessidade de apostar num projeto de inventariação, valorização e divulgação do património, sobretudo através do resgaste da música tradicional da Beira Baixa, para que se reerga dos escombros da memória, qual fénix renascida. Porque a música é uma forma artística que consiste na combinação de sons e silêncios que se propagam no tempo. Porque recuperar esses sons e silêncios é resgatar a identidade cultural das comunidades desta região. Porque a musicalidade própria e de raízes diversas – romana, islâmica, judaica, celta e cigana –, bem como a existência de instrumentos musicais únicos e/ou raros em Portugal, e no mundo, são elementos fortemente distintivos da identidade original e singular deste povo.

Pretendíamos realizar esse trabalho mas ainda não tínhamos encontrado o interlocutor idealizado. Um interlocutor que pudesse, com a

sua visão e conhecimentos técnicos musicais, reinventar o tradicionalismo musical, que fundisse culturas de forma singular, recriasse melodias e ritmos tradicionais do território e os aliasse a sons de contemporaneidade, pois entendemos que vários géneros musicais, inseridos em distintos contextos de execução, sempre acompanharam o dia-a-dia do nosso povo, formando parte da vida ativa enquanto identidade cultural e social. Harmonizar elementos basilares da construção/composição, tentando aliar a tradição musical do território e a contemporaneidade a partir

de todo um trabalho de adaptação e recriação de melodias e ritmos tradicionais, da fusão de culturas e tipologias musicais era o pretendido. Em síntese, pretendia-se que a música tradicional abraçasse a estética contemporânea, por meio da exploração sonora e da procura do novo.

Tom Hamilton, músico, inglês, radicado na região e apaixonado por ela e pelas suas sonoridades, chegou à ADRACES e contou-nos o seu sonho de fazer renascer o território através da recuperação da música tradicional, dando-lhe uma roupagem moderna, para ir de encontro ao ouvido dos mais novos e cativá-los para as suas origens. Não hesitámos em ouvi-lo porque percebemos que Tom considera também que a música é detentora de uma identidade própria e específica, resultado de produtos e comportamentos culturais, mas que essa individualidade se dissolve na multidimensionalidade de uma civilização global. A mudança torna-se crucial, de forma a responder às necessidades culturais e educacionais do mundo atual. O indivíduo adota novos conceitos estéticos, novas formas de pensar e, consequentemente, de agir. Por seu turno, a genuinidade e autenticidade das manifestações culturais, próprias de um povo e portadoras de um peso significativo na identidade cultural, são imediatamente questionáveis, devido às permanentes influências exteriores. Do mesmo modo, é inteligível a emergência da reinvenção musical, pois a música constitui uma das formas mais puras de expressão da nossa identidade, a música é um dos elementos que mais defi-

VINGES

ne, determina e diferencia os povos entre si, sendo, sem dúvida, uma parte importante da sua cultura, mas é também um fenómeno vivo e em contínua evolução. As culturas tradicionais sempre foram fenómenos abertos, e influenciaram-se, reciprocamente, nas suas relações, através da história.

Entendemos que Tom era o ator ideal para a prossecução do projeto também há tanto por nós idealizado. O de devolução de uma identidade que se julgava perdida. Este CD vem provar que está viva e que se recomenda. E é já o segundo trabalho. Todos os sons e música captados neste registo sonoro foram gravados no território e são originais. O título deste trabalho "A Canção Raiana Perdida — Raízes sonoras da Beira Baixa" foi inspirado no facto extraordinário de que, neste território e por inúmeras gerações, a música sempre esteve presente no quotidiano das comunidades rurais. Começava e terminava com o sol. Nunca tinha fim.

A Todos quantos participaram entusiasticamente no projeto o nosso reconhecido agradecimento. Bem-Haja!

António Realinho

Diretor da ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro Sul

www.adraces.pt

Nota biográfica de Tom G. Hamilton

Tom Hamilton. Inglês, com raízes escocesas, apaixonado pela paisagem, usos e tradições culturais e musicais da região. Músico. Homem de ação. Bom ouvinte. Tom G. Hamilton é um guitarrista e compositor que trabalha na Beira Baixa há mais de 20 anos. Tom tem raízes no rock britânico dos anos 70 e nos blues. Em 2000, trabalhou com o produtor inglês Chris Rae e elementos da banda "The Shadows", e escreveu canções para telenovelas da SIC, como "Vingança" e "Rebelde Way".

Nas Palavras de Tom G. Hamilton:

"Este projeto começou, na realidade, em 2001, após uma visita à Serra da Estrela. O percorrer daqueles trilhos inspiraram-me a gravar os pastores e outros sons da região da Beira Baixa, com o intuito de fazer música com essas recolhas. Sendo inglês, com raízes escocesas, sempre me deleitei com os campos selvagens das Terras Altas da Escócia. E considero a Serra da Estrela igualmente charmosa. O granito e a neve, os rios cristalinos e o ar puro são os mesmos.

Ainda em 2001, trabalhei com o percussionista Helder Brazette, em Folgosinho. Juntos, iniciámos um projeto sobre a música da Serra da Estrela, entretanto interrompido com a partida de Helder para França.

Decidi então continuar a título individual o trabalho de recolha de músicas e sons da região. A riqueza dos sons desta região assenta sobretudo em três áreas. Primeira, sons de música, cantigas e instrumentos de sopro, percussão e cordas. Segunda, sons de natureza, sons da água, temporais e ventanias, animais de dia e de noite. Terceira, os sons humanos, principalmente os que resultam do trabalho, como a ceifa, a colheita da azeitona, o lavrar, latoeiros e trabalhadores com metais, e outros sons das cidades, à exceção do ruído.

Os sons que recolhi – e que continuo a recolher – estão na base deste trabalho. A riqueza e renome da música desta região vêm de outros tempos. Vêm dos tempos em que as pessoas viviam sol a sol, trabalhando com as suas mãos, numa maior proximidade com a natureza. Estou convicto de que os fatores atrás enumerados são as verdadeiras raízes da música e das cantigas da Beira Baixa. Os dias começavam com quem tocava o sino, no toque "Ave-maria", e terminavam novamente com o sino, com o toque das "Trindades". O tocador de sinos é um músico. Os dias começavam com música. O búzio tocava para acordar as pessoas na temporada da colheita da azeitona. E em relação à natureza, o pífaro foi concebido para imitar os pássaros, com os quais os pastores conviviam na sua transumância. Os pássaros eram a inspiração para a música e melodia

deste instrumento, construído pelos pastores em madeira proveniente de uma planta do rio, junto ao lume nas noites frias dos invernos serranos. Há uma infinidade de músicas relacionadas com os trabalhos manuais: músicas da ceifa, do lavrador, das senhoras a trabalhar com teares, com o linho ou a bordar. Estas artes, ou artesanatos, faziam-se acompanhadas por música, por cantigas relacionadas com os ofícios desenvolvidos.

Este segundo CD mostra uma essência diferente do primeiro. No primeiro, parti de músicas antigas, muitas delas quase já esquecidas pelas pessoas que ainda habitam pelo território da Beira Baixa, juntando-lhe novos arranjos, modernos, que possam cativar as gerações mais novas para um regresso às suas raízes originais. Já este CD2 assenta sobretudo numa recolha de sons da zona raiana da Beira Interior Sul. No fundo, é música sonora para fazer nova música. Há raridades como o amolador, cantigas antigas, instrumentos, sons, chocalhos, trovoadas, natureza, pássaros... numa tentativa de reaproximação entre o Homem e a Natureza, que o acolhe e lhe dá vida. Este trabalho inclui ainda testemunhos das nossas gentes acerca da ligação existente, e que sempre existiu, entre música e natureza, música e artesanato, e uma vida sol a sol. Estas são as fontes que estão na origem primordial da música, da cultura e da etnografia dos povos, neste caso, da Beira Baixa.

Realizei este trabalho como músico e investigador, mas não sou musicólogo. Tentei fazer música com os sons da Beira Baixa. Há temas cantados e não cantados. Há temas em que procurei deixar em evidência estes sons preciosos na criação de um ambiente sonoro, que corre o risco de se perder se deixarmos a vida moderna e os seus ruídos apagá-lo. Vivemos dias diferentes. Hoje, o povo não canta como antes. Mas eu acredito que é possível resgatar este espírito. O povo já não canta, porque se encontra permanentemente a perder as três origens da música: a vida sol a sol, a ligação direta com a natureza (quem hoje conhece a vida de um mocho?), e – fundamental – o trabalho com as mãos.

Estes são tempos difíceis, mas o povo resiliente da Beira Baixa sempre conheceu dificuldades e as soube ultrapassar. E a música sempre representou a expressão da sua firmeza de carácter. É um grande privilégio poder gravar estes sons e fazer música a partir deles".

Agradecimentos:

À ADRACES, pelo reconhecimento do meu trabalho e por tornar possível o trabalho de recolha, a edição dos dois CD, a publicação e o documentário. Na verdade, o resultado do projeto é fruto de um trabalho conjunto.

A todos os padres das Igrejas da Beira Interior Sul, pela autorização da recolha dos toques dos sinos do território.

A todos os grupos de cantares e adufeiras, pela ajuda prestada no conhecimento das músicas e cantigas que integram a minha recolha musical.

A todas as organizações institucionais e entidades culturais, juntas de freguesia e câmaras municipais.

Aos músicos e cantores que participaram no trabalho.

À Dra. Maria Adelaide Salvado, pela prestimosa ajuda na recolha histórica sobre a importância dos sinos.

Ao Dr. Catana, pelo incansável apoio na explicação histórica das festividades beirãs, especialmente as celebrações pascais do concelho de Idanha-a-Nova.

O meu trabalho com sinos, recolha, música e composição é dedicado ao meu filho mais novo, Jimi.

Realizei este trabalho com muito amor e paixão, pelo que quero partilhá-lo com muitas pessoas. Todas as músicas foram compostas com pessoas desta região e é a elas que as dedico. Dedico-as também à natureza que partilhamos, que nos une e da qual dependemos. A música é simplesmente a minha expressão deste amor.

Tom G. Hamilton
Compositor e músico

Outubro de 2014

Se eu Chigar a ser Velhinha

Se eu chigar a ser velhinha
Se eu chigar a ser velhinha
Heidi vender minh'idadi
Ai, heidi vender minh'idadi

Para nunca mis'queceri
Para nunca mis'queceri
Do tempo da mocidadi
Ai, do tempo da mocidadi

Se viris o meu amori
Se viris o meu amori
No jardim a fazer meia
Ai, no jardim a fazer meia

Diz lhe qui mi venhá'veri
Diz lhe qui mi venhá'veri
Às grades desta cadeia
Ai, às grades desta cadeia

Quem mi dera ser colete
Quem mi dera ser colete
Quem mi dera ser cordão
Quem mi dera ser cordão

Par'ouvir as pancadinhas
Par'ouvir as pancadinhas
Qui dá o teu coração
Ai, qui dá o teu coração

Eu passei à tua porta
Eu passei à tua porta
Puz a mão na fichadura
Ai, puz a mão na fichadura

Eu faleiti não falasti
Eu faleiti não falasti
Coração di pedra dura
Ai, coração di pedra dura

O ai olarilolela
O ai olarilolela
Ai, o ai olarilolo
O ai, o ai olarilolo

O Marinheiro

A roupa do marinheiro
Não é lavada no rio
É lavada no mar alto
À sombrinha do navio

À sombrinha do navio
À sombrinha do vapor
Vai-te embora marinheiro
Que eu não sou o teu amor

Eu não sou o teu amor
Eu não sou o teu amor
Eu não sou como a figueira
Que dá fruto sem flor

Senhora Santa Luzia

Senhora Santa Luzia
Senhora Santa Luzia
Inda agora m'alembrou
Inda agora m'alembrou
Inda me alembrou a tempo
Inda me alembrou a tempo
Ai que ela inda não passou
Que ela inda não passou

Os Aros do meu Adufe

Os aros do meu adufe
Ai os aros do meu adufe
São de pau de laranjeira.
Quem houver de tocar nele
Ai quem houver de tocar nele
Há-de ter a mão ligeira.

Deita-me cá esse adufe
Ai deita-me cá esse adufe
Que eu o farei retenir
As mocinhas do meu tempo
Ai as mocinhas do meu tempo
Eu as farei aqui vir.

Ai ló ai lari lolela
Ai ló ai lari lóló

Rapariga a tua vida
Ai rapariga a tua vida
Não a contes a ninguém
Uma amiga tem amigas
Ai uma amiga tem amigas
Outra amiga amigas tem.

Quero cantar ser alegre
Ai quero cantar ser alegre
Que a tristeza nada tem
eu nunca vi a tristeza
Ai eu nunca vi a tristeza
Dar de comer a ninguém.

Ai ló ai lari lolela
Ai ló ai lari lóló

Deixai cantar a casada
Ai deixai cantar a casada
Que ela tem lindo cantar
Quantas vezes cantam elas
Ai quantas vezes cantam elas
Com vontade de chorar.

Ai ló ai lari lolela
Ai ló ai lari lóló
Ai ló ai lari lolela
Ai ló ai lari lóló

Ficha técnica:

Todas as composições e arranjos musicais por Tom Hamilton;
Misturado e masterizado por François Lourenço em Estúdio 3, Benquerenças;
Todos os sons capturados no CD fazem parte de uma recolha de Tom Hamilton para a ADRACES.

Vozes e Instrumental:

Alísio Saraiva (viola beiroa); Bombos de Almaceda; Carlos Matias (pífaro); Ti Lurdes de Ladoeiro; Vários tocadores de sino; Ana Saraiva; Lurdes Caçador; Saca Sons de Zebreira; Sérgio Chitas (guitarra); Vasken (violino); Maria José Barata Lucas.

Créditos fotográficos:

Foto de capa e foto da página 10: Samuel Amaral
Restantes fotos: ADRACES

Propriedade de produção ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro Sul. Todos os direitos reservados.

adraces
Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro - Sul
ProDeR
Programa de Desenvolvimento Rural
GOVERNO DE PORTUGAL
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DO MAR
UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
A Europa investe nas zonas rurais